

**“DO ESTRIBO AO CHÃO, DEUS DÁ A SALVAÇÃO”:  
Milagreiros e Assombrações no Ceará no Século XX (1926- 1978).**

**Michelle Ferreira Maia<sup>1</sup>**

Nos interiores cearenses, é possível observar que tem surgido com maior frequência a devoção a homens e mulheres do povo, já falecidos. Lá, o húmus da glorificação e da redenção celeste é fértil e, ao mesmo tempo, complexo. Não se fala da morte de forma genérica, mas de alguns personagens que dão “[...] conta da relação com o sagrado, das mensagens exemplares e da obediência aos desígnios de Deus”. (RIOS, 2002, p. 72).

A escolha do marco cronológico explica-se pelas seguintes inquietações. O século XX é compreendido por muitos historiadores, como Rodrigues (1983, p. 188), o período em que se constitui o afastamento da morte e dos mortos do convívio dos vivos, tornando-se um assunto interdito.<sup>2</sup> Entretanto, percebemos após o levantamento das fontes que a preocupação com os destinos do corpo e da alma (*per*)*seguem* o mundo dos vivos: o que separa o além e o aquém é somente uma ponte de diversas e complexas interpretações direcionadas sobre as *formas* de viver e *fabricar* a morte no cotidiano. Outra explicação para a delimitação dos anos de 1926 a 1978 é o espaço físico da pesquisa, que está relacionado ao período que indica a morte aos santos populares aqui pretensos a estudo: os militantes da Coluna Prestes, Tarquínio e João Cabeleira (1926), e Dr. Olavo Cavalcante Cardoso (1969), cultuados em Crateús;<sup>3</sup> Isabel Maria da Conceição (1929) na serra que liga os municípios de Guaraciaba do Norte e Reriutaba; e João das Pedras (1978), em São Benedito.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul. Bolsista CAPES, e está sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Graciela Chamorro. imail: michellefmaia@hotmail.com.

<sup>2</sup> O autor José Carlos Rodrigues, um dos pioneiros nos estudos sobre as atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais no século XX, assegura ter compreendido ser notório, neste período, que “Não se fala mais em morte, embora se pague cada vez mais seguro de vida; não se pensa mais em morte, não se formulam mais conceitos para pensá-la, mas a ela se reage com sorrisos embaraçados, com silêncios reticentes, com desconversas que são signos do aparecimento de algo cuidadosamente reprimido [...]”.

<sup>3</sup> A cidade de Crateús está localizada na microrregião do sertão de Crateús, a aproximadamente 350 km da Capital.

<sup>4</sup> A cidade de São Benedito está localizada na Serra da Ibiapaba, a aproximadamente 269 km de Fortaleza, capital do Ceará.

A seleção dos santos populares seguiu três critérios: primeiro, a semelhança obituária dos cultuados (assassinados); segundo, por estarem alinhados numa localização geográfica que considero próxima no mapa do Ceará: sertão dos Inhamuns e Serra da Ibiapaba, e também porque tenho uma familiaridade de convívio com estes concessores. João das Pedras foi meu objeto de estudo no mestrado; Isabel Maria da Conceição, Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e os revoltosos da Coluna Prestes, Tarquínio e João Cabeleira, assumem uma característica ainda mais peculiar, pois acompanhei desde a infância o processo devocional, cresci ouvindo narrativas sobre a vida, morte e principalmente sobre os milagres. Sobre estes últimos santos populares a ausência de análises sobre a devoção é evidente. Terceiro, a questão mais relevante: percebi que em torno destes santos populares, especificamente nos lugares de devoção, foram agregadas experiências individuais e coletivas que estabelecem os veículos de socialização da fé, dos conflitos culturais, religiosos e econômicos.

É necessário compreender esses espaços: da demarcação do lugar físico, como também de sua apresentação como espaço de memória, seja do morto como de seus devotos. Conforme Menezes (*In* MIRANDA, 2007, p. 31), memória “[...] nova em construção, memória em circulação, memória-ação, memória-experiência. A memória ‘viva’ não desapareceu, assumiu outras possibilidades que vão além dos lugares de memória de Nora”, inscrevendo os sentidos da História, do Tempo e da Memória, denunciando que os tempos são múltiplos (DELGADO, 2006, p. 5).

Isabel Maria da Conceição nasceu em 1901, em Guaraciaba do Norte. Aos 28 anos foi vitimada pelo ciúme de seu esposo, que teria ficado contrariado ao vê-la de cabelo cortado. A compreensão da morte violenta e prematura é acrescida com o fim dado ao cadáver pelo agressor. A falecida tornou-se na região e nos meios nacionais de divulgação a “*santa para as mulheres espancadas, traídas*”:

Moradores de um município do interior do Ceará veneram uma santa popular, protetora das mulheres traídas e espancadas. O culto à Isabel Maria da Conceição, conhecida como finada Isabel, é feito numa pequena capela na beira da estrada que liga Guaraciaba do Norte a Reriutaba, na serra da Ibiapaba, a 350 km de Fortaleza, local onde ela teria sido morta pelo marido, em 1929.

A crença de que Isabel é santa nasceu logo depois de sua morte. Aos 28 anos, ela foi espancada e morta pelo marido, conhecido como Zé Passarinho, que tinha ciúmes de sua beleza. Depois, ela foi jogada por ele em um penhasco, mas seu corpo teria ficado preso em uma árvore, que, segundo a crença popular, continuaria intacta até hoje (FOLHA.com. “Cotidiano”, 8/3/2003).

A morte em combate pôs fim a vida e trajetória militar dos militantes Tarquínio e João Cabeleira que seguiam na Coluna Prestes em Crateús no ano de 1926:

Uma cidade histórica, cenário de uma das maiores marchas militares do Brasil: a coluna Prestes.

Segundo historiadores, na madrugada de 15/01/1926, soldados chegaram a Crateús por uma estrada de ferro. O grupo foi surpreendido por militares resultando no principal confronto entre os integrantes da Coluna Prestes e as tropas do governo que aconteceu em uma praça.

Moradores antigos contam que dessa batalha, a coluna acabou perdendo dois homens: o tenente Tarquínio e João Cabeleira. Os dois foram enterrados em um sítio conhecido como o cemitério dos revoltosos ([VERDESMARES.com.br](http://VERDESMARES.com.br), 1º/9/2010. p. 1).

O “Cemitério dos Revoltosos” está localizado em Boa Vista, imediações da cidade. O que os jornais não abordam é que no túmulo que abriga os corpos do Tenente Tarquínio e de João Cabeleira, no presente, “*os revoltosos*” são denominados de ‘almas milagrosas’. Em busca, na historiografia brasileira sobre estes militantes mortos, a pouca discussão sobre suas concessões de milagre é uma ausência presente.

Alex Alves de Oliveira, em seu artigo “Pelos Caminhos de Outras Falas: as narrativas orais e a travessia da Coluna Prestes no sertão cearense”, realizou uma breve apresentação sobre o culto: “[...] são reverenciados por aspectos sobrenaturais, lhes sendo atribuídos à santidade ou martírio e que os mesmos teriam o dom de obrarem milagres”.<sup>5</sup>

Os revoltosos não são os únicos a compor o rol de santos populares cultuados naquela cidade. No Cemitério Municipal de Crateús, o médico e ex-prefeito, Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, assassinado em um confronto em 3 de setembro de 1969, recebeu a mesma consagração:

O ex-prefeito de Crateús, Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, foi morto com seis facadas, no interior de sua residência na Fazenda Chavier, a poucos quilômetros de Crateús, pelos indivíduos José Cândido e Felício Crateús, que fugiram em seguida. O homicídio ocorreu às 15 horas e a polícia prendeu o agricultor Francisco Rodrigues da Silva como o suspeito de ser um mandante do crime.

Informações procedentes daquela cidade, onde a vítima era médico do 4º Batalhão de Engenharia e Construção e diretor de uma policlínica, revelam que o homicídio foi provocado por disputas de terras, pois o Dr.

---

<sup>5</sup> Como se detém em analisar as representações da passagem da Coluna Prestes no sertão cearense, o autor não se aprofunda nas urdiduras culturais e religiosas imbricadas no culto aos *revoltosos*. OLIVEIRA, Alex Alves. “Pelos Caminhos de Outras Falas: as narrativas orais e a travessia da Coluna Prestes no sertão cearense”. X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. **Anais Eletrônico**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 26 a 30 de abril de 2010. ISBN 978-85-7315-769-7.

Olavo Cavalcante já tivera vários atritos com Francisco Rodrigues da Silva.

Em Fortaleza seus familiares desmentiram a possibilidade de qualquer motivação política para sua morte porque desde que teve seu mandato cassado, durante o governo Castelo Branco, o ex-prefeito afastou-se inteiramente da Política (**Gazeta de Notícias**, 3/9/1969, p.1).

Muitos mistérios cercam a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso: crime político ou relacionado a discussões sobre a posse de sua propriedade? Dois acusados pelo assassinato, Felício Crateús e Manuel Lima conseguiram fugir. Dois foram presos, primeiro o agricultor José Cândido, posteriormente, José Rodrigues da Silva. Este foi o único a ser alvejado por três tiros disparados pela arma do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso no confronto na Fazenda Chavier. Em 5 de setembro é noticiado pelo jornal **Gazeta de Notícias** (5/9/1969, p. 6), que em Crateús “[...] os médicos se recusaram a atender o agricultor José Rodrigues da Silva, um dos matadores de ex-prefeito Olavo Cavalcante Cardoso”. Na capital Fortaleza, os anúncios seguiram repercutindo as conseqüências do caso: a captura dos fugitivos, a atitude dos médicos em Crateús, as declarações do Conselho de Medicina do Estado do Ceará sobre o ocorrido e o que sucedera ao algoz na situação de agonizante.

Uma das testemunhas do homicídio, o vaqueiro José Bezerra Paula, funcionário particular do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, um mês após o incidente,

Por meio de enforcamento, suicidou-se ontem, na fazenda “Xavier”, no município de Crateús. [...] O vaqueiro, fazendo uso de uma corda, suicidou-se, ontem, perto do meio-dia, sem que até o momento fosse esclarecida a razão por que tomou tal atitude (**Gazeta de Notícias**, 24/10/1969, p. 6).

Em São Benedito, o santo das graças do povo é João Ferreira Gomes, alcunhado por João das Pedras, antes ladrão dos pobres, veio a óbito em 4 de abril de 1978, morreu eletrocutado em uma cerca elétrica de fabricação caseira, no Bairro do Cruzeiro:

Eu sei que [...] ele foi eletrocutado, morreu! E todo mundo aqui, em São Benedito, ficou muito sentido, muito magoado, porque ele não fazia mal a ninguém. O povo tinha medo, mas ficaram e ficou mesmo duma maneira muito triste. Todo mundo admirava, né, a cidade ficou triste. Todo mundo comentava, e ele era desse jeito, mas como nunca ninguém recebia maldade dele, só susto, né, e tudo. Ele ficava muito tempo no mato, né, às vezes a polícia procurava, custava encontrar ele no mato. Não sei, não, acho que diz que: Deus escreve certo por linhas tortas. Essa aí foi uma bem torta numa linha bem certa, a vida do João das Pedras. Sei que é uma alma muito milagrosa. Por este motivo Nosso Senhor pode até ter se compadecido dele, e ser ele hoje o que ele é, porque do estribo ao chão, Deus dá a salvação. [...] (MAIA, 2010, p. 181).

Do ponto de vista dos cearenses, o além não é compreendido apenas pelo viés dos milagreiros. Priorizei as aparições de corpos e almas considerados excêntricos, tanto quanto pela repercussão desses episódios nos lugares de origem, quanto por constituírem “História pessoais que me colocaram diante de ações e reações múltiplas” (RIOS, 2002, p. 74). Dez casos foram selecionados. Quanto aos corpos e as almas, é incerto delimitar uma cronologia objetiva para as aparições e exumações dos corpos, visto serem subjetivas, entretanto, podemos considerar preliminarmente que elas pertencem a três tempos: o da aparição, o da narrativa e o tempo da análise. De acordo Menezes (2007, p. 31), “É nesse tempo sincrônico com múltiplas temporalidades que opera a memória”.

O *profano* e a *demonização*, seja dos corpos ou das almas, são exumados ora narrados:

Desenterrei ela e enterrei de novo. Porque precisava tirar a imagem de São Francisco dela, que tava junto com ela. Tava com três dias de enterrada. Aí nós puxamos o caixão pra fora, teve um parceiro que foi mais eu. Não parecia mais nem com ela, tiramos a blusa, e butamos em cima da catatumba. Depois ela apareceu de novo, dizendo que a blusa não era para ficar lá, fui lá sozinho mesmo e butei lá no lixão, de lá levaram não sei pra onde.<sup>6</sup>

O depoimento transcrito acima compõe a síntese feita na entrevista realizada com o agricultor Francisco Alves sobre o desenterro da irmã Antônia de Maria Alves, ocorrido no Cemitério de Inhuçu, distrito de São Benedito. A falecida veio a óbito aos 35 anos, morreu no dia 15 de agosto de 2005, vitimada por complicações no pulmão. Após três dias de sepultada, o túmulo de Antônia de Maria foi aberto pelo irmão e por Valdemar (vizinho dele). Nenhuma autoridade jurídica, eclesiástica ou municipal do distrito de Inhuçu foi notificada. Os dois homens tampouco estavam munidos de roupas e ferramentas adequadas para o desenterro. De acordo com Certeau (1994, p. 38), a ordem é outra: “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Mesmo ocorrendo às claras, durante o dia, o desenterro ficou restrito aos familiares, para quem a violação era justificada. Primeiro, pela súplica da defunta que aparece à irmã, Cícera Pereira, rogando-lhe, como último desejo, ser desenterrada para que fosse

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Francisco Alves. 57 anos, casado, agricultor, residente no Sítio Muricituba, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 28 de junho de 2010.

retirada do caixão a blusa com a imagem de São Francisco. Segundo: pelo temor da irmã com o seu próprio destino e também com o futuro pós-morte da falecida:

[...] a Cícera, irmã dela, sonhou com ela dizendo assim: que ela tinha sido enterrada com uma blusa que tinha a imagem de São Francisco das Chagas, e tinha que procurar uma pessoa pra tirar, desenterrar ela pra tirar a blusa, que, se ela não fosse desenterrada pra tirar a blusa, morria mais gente da família, e não era pouca não. Aí o Francisco, pra mãe dele não pagar uma pessoa, porque ele achava que ia pagar muito caro pra desenterrar, porque não é todo mundo pra fazer isso, pra desenterrar uma pessoa que já morreu há três dias, é difícil. O Francisco teve coragem e foi. Eu falei assim: Francisco você vai aguentar, porque Ave Maria. Sei não [...].<sup>7</sup>

Um caso excepcional? A prática dos familiares da falecida Antônia de Maria Alves coloca em questão diversos aspectos das crenças religiosas que circulam e permeiam o imaginário popular. Seria uma peculiaridade do Ceará, do Nordeste? De acordo com Oscar Cavalia Sáez (1996, p. 13), deve-se “[...] considerar esse outro mundo um elemento essencial da vida brasileira, ou um traço de sua cultura, ou um fato social total”.

Outro episódio dessa religiosidade popular ocorreu em março de 2010, em Mucambo,<sup>8</sup> quando, durante um sepultamento, um corpo com características peculiares foi encontrado. Relatou-me Hosana Maurícia de Souza:

Um vizinho de meu pai foi para o sertão, e falou que o pessoal tava comentando que eles tinham ido enterrar uma senhora, quando abriram o túmulo, aí tava esse homem com o cabelo grande e as unhas crescidas, o corpo seco dentro do caixão. Aí foram pedir permissão à família para arrancar e queimar, e a família não permitiu.<sup>9</sup>

Em Crateús, foi também no momento do enterro de um homem que o corpo de uma mulher atraiu atenção, afirmou o senhor Márcio Campina que, embora não houvesse datado a aparição, garantiu que o fato foi do conhecimento de muitos:

É de conhecimento, principalmente, das pessoas assim do passado. Um fato de uma senhora que era esposa de um comerciante tradicional. [...] essa senhora faleceu e após três anos do falecimento dela, faleceu uma outra pessoa da família e aí essa pessoa foi ser sepultada no túmulo dessa senhora. E pra surpresa de todos quando abriram o túmulo o corpo estava perfeito, [...], em estado de conservação, apenas teria tido uma deformidade na pele que teria ressecado pela ação do tempo, estaria

---

<sup>7</sup> PEREIRA, Maria de Fátima da Silva. 46 anos, casada, agricultora, residente no Sítio Muricituba, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 28 de junho de 2010. Esposa do senhor Francisco Alves Pereira.

<sup>8</sup> Mucambo está localizada no noroeste cearense, a aproximadamente 280 km da Capital.

<sup>9</sup> SOUZA, Hosana Maurícia de. 32 anos, professora, casada, residente no Sítio Baixa, em Ibiapina, Ceará. Entrevista realizada no dia 21 de março de 2010.

perfeito a fisionomia, o cabelo, e tudo. [...] comenta-se que o corpo foi retirado de lá do local [...].<sup>10</sup>

As aparições de corpos que insurgem nos cemitérios interioranos do Ceará não são maiores que as das almas que assombram. Cleonice Ferreira Batista afirma ter vivenciado uma experiência com o outro mundo, o dos mortos:

Eu tenho uma história real para lhe contar. Eu tinha uma amiga... ela faleceu há uns dez anos atrás e ela era evangélica, ela morreu de CA. Ela morreu, aí ela ficou aparecendo a muitas pessoas lá, à maioria das amigas, as filhas. As próprias filhas dela não dormia mais, ela aparecendo. Todo mundo tinha medo. [...] lá na rua em que ela morava, [...] todo mundo tava assombrado. Um belo dia por volta de dez horas da noite, eu me deitei, aí só deu tempo eu me deitar: veio aquela escuridão, escureceu tudo de repente.<sup>11</sup>

Outras vezes, as almas apresentam-se em distinta forma:

Essa era em Aracoiaba. Tinha uma senhora que era muito rica, na época, o marido dela era assim como coronel. E muita riqueza, só que essa mulher era muito miserável. E aí essa mocinha trabalhava lá. E aí aqueles restos de comida que sobrava, ela não butava no lixo, ela juntava para dar as pessoas que viam pedir.

Morreu do coração, deu uma dor muito grande no coração. E ela continuou a trabalhar com o esposo e um rapaz dela lá, era até adotado esse menino. Quando foi mais ou menos com uns quatro meses que ela tinha morrido, ela viu uma porca no quintal, uma porca muito gorda. A porca lá fazendo aquela coisa pro lado dela, e ela: - Valha-me Deus! - olhava prum lado de onde veio essa porca. Aí falou com o dono da casa: - Ô patrão, agora lá no quintal, agora ta aparecendo uma porca, a porca ronca que nem não sei que.

- Conversa é essa minha filha, você tá ficando é louca, como é que entra uma porca no quintal se é tudo trancado?!

-Ela: "Pois é, eu me lembrei disso mesmo".

Ela como tinha experiência já de muitas coisas com a avó dela, aí ela foi e perguntou para a porca quem era que podia mais do que Deus, aí a porca falou que ninguém. Eu sou fulana de tal - aí disse o nome dela -, e eu tô quase salva por as coisas que você deu minha aos outros, eu matei muita fome das pessoas, eu não, as minhas coisas, porque eu mesmo não dava, mas você dava. Eu matei muita fome inconsciente, aí eu tô pedindo hoje a você, eu tô faltando pouca coisa para me salvar e quem vai me salvar é você: mande celebrar uma missa pra mim [...].<sup>12</sup>

As narrativas sobre a metamorfose de almas que se apresentam em forma animalesca, segundo Cascudo (1984, p. 29), compõem as características da *Tradição Oral* difundidas no Brasil, possibilitando observar os vestígios de nossas raízes: “o

<sup>10</sup> CAMPINA, Márcio. 38 anos, radialista, residente na Rua Coronel Jiló, Bairro São Vicente, em Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 7 de setembro de 2009.

<sup>11</sup> BATISTA, Cleonice Ferreira. 52 anos, cabeleireira, residente na Rua Coronel Jiló, Bairro São Vicente, em Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 7 de setembro de 2009.

<sup>12</sup> PAES, Francisca Joecy. 62 anos, professora, residente na Rua João Melo, 484, Bairro Damas, Fortaleza, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 25 de julho de 2010.

“envoltamento” feminino no corpo de animais é comum no mundo africano” (1983, p. 164). Entretanto, no estudo do autor, esta transmutação é notada em vida e não após a morte.

É interessante reunir esses mortos neste estudo para buscar compreendê-los não como partícipes de um sistema isolado, mas num conjunto similar, peculiar, porém, igualmente distintos diante das práticas sociais dos sujeitos. Certamente, buscar-se-á nesta pesquisa identificar as semelhanças e precisar as dissonâncias nos cultos, ao focar as memórias faladas e esquecidas, as incoerências, os conflitos tanto quanto as harmonias presentes na relação com as aparições e as santidades, para Cabral “É perfeitamente compreensível que haja divergências no modo de manifestar-se um intelectual e um analfabeto, um rico e um pobre, uma criança e um adulto, etc.” (In BRANDÃO, 2001, p. 91).

Com relação aos santos populares, a literatura também é expressiva, entretanto, os estudos são particulares em torno de um espaço e indivíduo. A aparição de corpos santos, secos, almas milagrosas ou penadas é tema pouco explorado.

Nesta pesquisa a análise será direcionada para uma abordagem das atitudes dos sujeitos que construíram em volta deste tema um arcabouço ideológico e religioso, o qual *representa* suas concepções de condenação e salvação eterna. Investigo no cotidiano as dimensões do universo religioso. Busco entrever os ideais e concepções sobre a vida, o pecado, salvação, condenação, punição, céu, terra, purgatório e inferno existentes nessas redes visíveis e invisíveis de sociabilidades dos sujeitos, segundo Muniz (s/d., p.72) “[...] escritas do ponto de vista dos homens, mergulhados em seu cotidiano, pressentindo que fazem parte de algo mais grandioso, que são peças em uma engrenagem social complexa, problemática, conflitiva, de que só se pode divisar contornos parciais, de que só se pode conhecer verdades interessadas e relativas a tempos, lugares e contextos”.

O estudo sobre **Milagreiros e Assombrações** nos sugere as seguintes observações: pertence a um mundo da tradição oral; mais que um objeto, procura analisar o processo de formação e consolidação, que não é necessariamente datável. Acompanha a variedade das experiências religiosas desses sujeitos, que são



compartilhadas. Considera-se, assim, que esta pesquisa está inserida nas discussões da experiência da microanálise.<sup>13</sup>

O agricultor Francisco Alves optou pelo silêncio quando lhe interroguei sobre o estado do corpo da irmã no instante do desenterro. Ao contrário, sua esposa Maria de Fátima Silva relatou:

Era de dia quando abriu a catatumba acompanhou um monte de varigeira, os mosqueirau, os olhos tava só aquele negócio mais feio do mundo, e só descendo aquele aguacero, a catinga era demais. Ele tirou a blusa butou em cima da catatumba. Com fé em Deus, não aconteceu nada, porque ele enterrou direitinho, tampou a catatumba, não ficou saindo nada de mau cheiro. E aí, ele não fez o serviço direito, porque não era pra deixar lá. Ela voltou de novo, a mesma coisa: que não era pra deixar lá a blusa, era pra botar no lixo. Aí ele foi, voltou de novo. Do lixo ela não apareceu mais. Eu fiquei só pensando, a pessoa ficar penando por uma coisa, mas aconteceu, que se não tirasse, ela ia ficar penando.<sup>14</sup>

Neste sentido, sobre as assombrações são os mortos que incidem na vida dos vivos ou o inverso? De fato, a salvação advém das mãos de Deus ou das interpretações do povo? Quais os ritos de passagem? A aparição se torna um fato real: pela ação que a prossegue, o pedido é aceito, realizado. Apesar da tentativa de silenciar, o público sempre toma conhecimento desses casos.

Após um breve levantamento das fontes pude perceber que no mapa do Ceará, de norte a sul, de leste a oeste, poderíamos inscrever como há uma incidência crescente desses episódios, em diferentes tempos. Sobre cada cemitério há narrativas que dão conta de um corpo incorrupto que foi descoberto. Conhecido, temido, silenciado ou divulgado, o que nos instiga é compreender o mito da origem, quando o corpo incorrupto passa a ser anormal e passa a pertencer ao sobrenatural.

Gilberto Freyre (1987, p. 120), em seu livro **Assombrações no Recife Velho**, incita-nos a buscar as assombrações pelos interiores cearenses, pois “há hoje no nosso país, como em outros países, quem não se sintam nunca só, mas sempre acompanhado por anjos da guarda ou por espíritos de mortos bons ou de demônios, amigos ou inimigos. Será ou não uma forma de sociabilidade [...]”, ao contrário do estudo do autor, esta pesquisa alude às almas tanto quanto aos corpos.

---

<sup>13</sup> A análise processual seria as principais contribuições da Microanálise. Ver: CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século VXII. In.: **Jogos de Escalas a Experiência da Microanálise**. Org.: Jacques Revel. Trad.: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 174.

<sup>14</sup> PEREIRA, Maria de Fátima da Silva.

Luís da Câmara Cascudo, em suas obras **Geografia dos mitos brasileiros** (1983) e **Literatura Oral no Brasil** (1984), constrói um diálogo sobre o mundo visível e invisível. O autor fala das possibilidades da existência desse mundo propagado pela poeira de sentidos da tradição oral, que é arrastada e se embrenha nas urbes, nas matas, entrelaçada à cultura e religiosidade, isso porque o nordestino tem “[...] o braço incansável e a mente inesgotável de fantasmas” (1983, p. 6).

Todavia, para Marilena Chauí (2002, p.118), o mundo visível e invisível não é distinto. Em sua obra **Experiência do Pensamento**, ambos “são os dois lados do Ser, direito e avesso irreduzíveis [...]. Coextensivo ao visível, o invisível não é uma outra ordem de realidade, mas o forro que atapeta o visível”.

A senhora Pulsar é a alma infeliz que surgiu com a *costa* oca diante Cleonice Ferreira Batista:

Lá vem ela, tava com um véu, toda de preto, o véu preto, coberta a cara.  
Eu vi perfeita. Ela senta na beira da cama, pega minha cabeça deita no colo dela.  
Quando eu vi que era ela, aí me deu... o medo foi tão grande que eu requeri:  
– Pulsar, pelo amor de Deus, sai daqui, me diz o que é que tu quer, me diz pelo amor de Deus? – Aí ela falou, aquela voz rouca:  
– Eu quero uma vela e um Pai Nosso.  
Aí eu disse:  
– Pois pelo amor de Deus sai daqui, que eu te dou.  
Ela tirou minha cabeça do colo dela, se levantou, saiu fastando de costa; quando ela sumiu, voltou a claridade.<sup>15</sup>

A leitura desta passagem atesta a importância dada por Cleonice Ferreira Batista aos detalhes que asseguram os sentidos sobrenaturais, seria: *a presença do duelo entre a luz e a escuridão, um véu preto, a voz rouca*. As almas do outro mundo falam pelo nariz.<sup>16</sup> *Requerer* uma alma vai além do ato de inquiri-lhe o que deseja. Na concepção popular, a pessoa que tem a coragem de fazê-lo está em estado de graça, podendo auxiliar na salvação da alma, conduzindo-a a outro caminho que não o da escuridão. Isso ocorre com a realização do pedido, porém, ambas são agraciadas, pois, a auxiliada em retribuição rogará por sua redentora no plano celestial. Ao contrário, sem o cumprimento, a aparição segue assombrando até ser socorrida por outrem, e a pessoa

<sup>15</sup> BATISTA, Cleonice Ferreira.

<sup>16</sup> Segundo Cascudo (1984, p. 235), isso ocorre porque “[...] num tom fanhoso, peculiar, insubstituível, que herdamos de Portugal. Crêem que o esqueleto com as cartilagens nasais destruídas e a boca cerrada não possa falar abrindo e fechando as mandíbulas, faltando a língua. Igualmente os negros africanos fazem falar os seres sobrenaturais ou fabulosos com essa nasalidade”.

que lhe negou ajuda penará por ter-lhe prolongado seu pesar. É uma balança que muda a direção do peso: a salvadora pode ser condenada.

No cotidiano dos cearenses, de um lado, reza-se pela salvação do condenado, buscando livrar-lhe do fogo do inferno ou das incertezas do purgatório. Do outro, existe e convive, paulatinamente, com a oração a súplica dos vivos pelo auxílio dos milagreiros.

Em Crateús, os militantes Tarquínio e João Cabeleira, sepultados no Cemitério dos Revoltos, foram relegados ao esquecimento pela historiografia, mas lembrados pelos seus devotos. Isso não significa, entretanto, que haja preservação do espaço onde estão sepultados e que a devoção seja intensa, exaltada e explorada. Por outro lado, a cidade divulga com exaustão a passagem da Coluna Prestes; até um monumento foi erigido para comemorar e (re)lembrar o fato:

Concebido pelo mundialmente reconhecido arquiteto Oscar Niemeyer – que foi amigo de Luís Carlos Prestes (1898-1990) –, o monumento foi inaugurado com a presença de integrantes do PCdoB, como o deputado estadual e deputado federal eleito Chico Lopes; do governador, Lúcio Alcântara (PSDB), e de outros representantes do governo do Ceará, responsável pela obra - a primeira de Niemeyer no estado. Cerca de 200 pessoas acompanharam a solenidade, marcada por um discurso do padre e historiador Geraldo Oliveira Lins [...] (**Portal Vermelho**, 15/12/2006).

Aos militantes mortos, destinaram o mato crescido que toma conta do Cemitério dos Revoltos. Ao redor da sepultura de Tarquínio e João Cabeleira é possível perceber a presença de sepulturas de crianças pagãs (*os anjinhos*), e também do gado que magro busca pasto, comida e sombra. Todas as sepulturas estão igualmente circundadas pela falta de políticas de preservação daquele espaço e, principalmente, pela falta de interesse das autoridades locais pela divulgação da existência dos mortos milagreiros.

O túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso está posicionado logo na entrada do Cemitério Municipal de Crateús. A construção apresenta uma ordem estrutural diferente da vislumbrada na dos militantes: uma *capela-tumular* serve de altar, onde avista-se a imagem mais conhecida e divulgada do médico assassinado (seja na Prefeitura Municipal, na Policlínica, ou nas mãos dos devotos): fotografia em preto e branco, apresentando-lhe da cintura para cima, vestido em terno preto, que realça ainda mais os claros olhos, a alvura da pele sem barba, o pequeno bigode e o cabelo ralo. Há no túmulo alguns lugares específicos: um dedicado ao acendimento de velas; outro para

depositar ex-votos em formato de madeira, e mais um para a ornamentação com rosas. A capela está protegida por grades e cadeado, e é o funcionário do Cemitério que conduz o visitante a entrar no espaço e limita sua permanência no espaço.

Ao médico, este não seria o único espaço que lhe foi rendido como lugar de devoção. Há uma enorme cruz preta posicionada próxima à Fazenda Chavier – espaço do confronto, que culminou com a morte dele. O obelisco fora lá erigido – segundo muitos – porque teria sido naquele lugar que, em meio à agonia que antecede a morte e ao sangue que jorrava dos ferimentos à faca, o agonizante teria pronunciado as palavras derradeiras: “Salvei tantas vidas e ninguém salvará a minha!” Na parte frontal da cruz lê-se a seguinte inscrição:

[...] foi morto na sua Fazenda Xavier, em 2-9-1969, o conceituado e humanitário médico Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, nascido a 15-8-1925.  
Orai por ele.

E no verso:

Este Cruzeiro, que fora colocado aqui pelo seu tio Florentino de Araújo Cardoso em 2-10-1969, constitui imorredoura lembrança da passagem do extinto pelo mundo.<sup>17</sup>

O lugar de devoção à Isabel Maria da Conceição fica na serra que liga o município de Guaraciaba do Norte ao de Reriutaba, apresentado pelos devotos como o espaço escolhido pelo algoz para desfazer-se do corpo da falecida. O interessante é que antes apenas uma cruz e ex-votos demarcavam o local reservado à santa popular e à devoção a ela direcionada. Hoje, vê-se uma capela organizada e exuberantemente construída:

O deputado Professor Teodoro autorizou que fosse feito um levantamento da atual situação da Capela e se comprometeu a dar alguma contribuição. Vale ressaltar que o deputado Professor Teodoro foi o responsável pela construção da capelinha da “finada Isabel”, local de romaria na descida de Guaraciaba para Reriutaba (**Jornal Correio da Semana**, 29/12/ 2009, p.1).

Analisar o processo de transformação da cruz em capela nos permite realizar as seguintes indagações: Quando e por que ocorre essa modificação? Qual a perspectiva e repercussão desta construção do ponto de vista dos devotos? Uma imagem da religiosidade popular que também foi apropriada pelo poder. Abrigo maior da devoção,

---

<sup>17</sup> Pesquisa de Campo realizada em Crateús no dia 9 de setembro de 2009.

quem passa pela serra tem a atenção atraída pela capela que se impõe aos carros e ao abismo. Isabel é apresentada por sua imagem de concessora, mas eis que indícios denunciam a mulher comum vislumbrada pela imponente e grandiosa fotografia emoldurada, que permite visualizar seu rosto e, principalmente, seus cabelos: “o motivo da discórdia e do crime”.

De todos os espaços de devoções aqui citados, o túmulo de João das Pedras, no Cemitério de São Benedito, é o que apresenta uma ordem estrutural mais peculiar, no qual as inscrições dos devotos denunciam outra organização: quanto mais enegrecido pelas chamas das velas, estando, os ex-votos aglomerado ao seu redor, ou por cima do jazigo, mais atraente e divulgador das concessões torna-se o lugar aos olhares dos devotos. Por outro lado, impõe-se que os devotos não têm a pretensão de reunir-se para erigir uma capela, ou a de panfletar a vida e morte dos milagres concedidos pelo *ladrão/santo*. A propagação existe de outra forma.

Os lugares de devoção dos santos populares (*re*)apresentam a sua memória antes e depois da santidade, além disso, possibilitam ao pesquisador tatear e interrogar se insígnias da fé estão emaranhadas pelas implicações sociais, econômicas, culturais de seus seguidores. Afinal como precisar quando e por que determinados sujeitos são denominados santos populares, ou de alma bendita, sofredora, seja essa atribuição rendida no público ou no privado.

De acordo com Muniz (s/d., p.79), “A sensibilidade moderna diante da morte foi fruto, entre outras coisas, da acentuada valorização dada à História pelo mundo moderno”. No Brasil, nos últimos trinta anos, as pesquisas relacionadas aos mortos têm galgado seu espaço nos estudos historiográficos. Cláudia Rodrigues (2005), em seu estudo **Nas Fronteiras do Além**,<sup>18</sup> analisa o processo de formação da secularização da morte, o controle eclesiástico, as políticas institucionais e as disputas entre a jurisdição civil e eclesiástica sobre o *bem morrer* nos séculos XVIII e XIX no Rio de Janeiro. O estudo de Cláudia Rodrigues nos instiga a perceber as rupturas e continuidades dessas práticas, agora contextualizadas no século XX.

---

<sup>18</sup> Segundo a autora, a secularização da morte desencadeou “[...] a transformação das práticas funerárias e dos pensamentos e sentimentos associados à morte, esta que sempre fora tudo, sendo considerada importante pela sociedade e pelos indivíduos, começou a ser olhada com aparente indiferença, desaparecendo do dia-a-dia, estando em vias de tornar-se nada” (*Op. cit.*, p. 24-25).

Fernando Catroga (1999, p. 27), em seu livro **O Céu da Memória**, argumenta a necessidade de apreender que o que implica o culto aos mortos é a percepção “[...] de um cenário miniaturizado do mundo dos vivos e como um teatro catártico de lutos, bem como de produção e reprodução de memórias, de imaginários e de sociabilidades”. Emerge daí a necessidade de entender como essas memórias, seja dos milagreiros ou das assombrações, são produzidas e perpetuadas. Uma construção que possibilita ao historiador mergulhar nas tramas e tessituras de viver e morrer no cotidiano através das insígnias da fé. Lidando com memórias no plural, outros trabalhos alargam nosso conhecimento acerca de como a estrutura física do lugar do morto alude para o lugar que ele conquistou naquela sociedade. Em sua dissertação, **Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista**, Henrique Sérgio de Araújo Batista (2003) traçou um diálogo em que busca as memórias através da arte tumular. Neste estudo, procurou associar aos mausoléus as implicações religiosas, econômicas e sociais de uma época neles denunciadas. Ao considerar os conflitos, identifica as diferenças asseguradas em suas atribuições de *Monumentos de Exemplo, de Denúncia*, reconstruindo as relações de poder, de esquecimento e de seleção social dos sujeitos. Inspirada nesta questão, foi que pude vislumbrar nos lugares de devoção a arte popular que se constrói em torno desses santos, concepções outras de arte tumular, diferentes das discutidas e analisadas por Henrique Sérgio, visto que esses monumentos são fabricados não pela família do falecido, mas no cotidiano, pelas mãos e pela fé dos fiéis.

E mesmo assim é arte, tanto no que diz respeito à estrutura física como à ideológica, ao (*re*) *criar* um passado a partir de critérios particulares, entretanto também coletivos. De fato, através dessas imagens, busca-se compreender o que Peter Burke (2004) salientou em seu trabalho **Testemunha Ocular. História e Imagem**:<sup>19</sup> as imagens devem apontar outras questões sobre os aspectos mais recôndidos da vida cotidiana. Acreditamos que as visões de mundo, as práticas, as representações, o contato e a construção da vida se dão num processo diário. Burke (2008, p. 41), no estudo **O que é História Cultural?** discute, entre outras questões, a compreensão do conceito cultura popular, enfatizando que não se pode definir o termo como uma categoria residual, e supor uma homogeneidade. Lembra, ainda, que mesmo ao considerá-la

---

<sup>19</sup> O autor acrescenta que as: “[...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”.

plural, eis que outros problemas se seguem. Sendo assim, o historiador trabalha também em meio aos conflitos teóricos conceituais.

A devoção aos santos populares também *inventa* sua própria *ordem* ou *desordem*. Histórias permeadas também pelas lembranças e esquecimentos. A piedade, a fé e os pagamentos de promessas apresentam sentidos ambíguos, pois, ao mesmo tempo em que unem os santos populares aqui estudados, os separam, quando são estas práticas que desenham a fabricação da diferença nos espaços de evocação. Podemos inferir que os túmulos dos concessores recebem uma imponência arquitetônica específica para este vícios ao contrário dos demais.

Busca-se realizar uma análise aprofundada acerca da construção desses santos tanto quanto dos devotos. Assim investiga o uso, propagação e preservação e até apropriação *devida ou indevida* dos santos populares destes espaços. É necessário compreender as especificidades individuais que construíram cada milagreiro para entendê-lo diante dos demais concessores. Sujeitos, lugares, situações, períodos e circunstâncias distintas separam os santos populares aqui acima citados. Além da morte vitimada em decorrência da violência, outros fatores aproximam estes santos populares. À revelia do catolicismo tradicional e oficial, os cultos pouco a pouco vão crescendo e conquistando mais fiéis e espaços de devoção nessas cidades e, conseqüentemente, também afloram as oposições a esses cultos. É possível intencionar que todos – almas penadas e os santos – estejam unidos pela trajetória do destino atribuído ao *corpo do morto*. Segundo Fernando Catroga (1999, p. 19), essas práticas direcionadas aos mortos possibilitam o “[...] homem a separar-se da natureza e da animalidade, e a emergir, na escala dos seres, como um cultuador de mortos; logo um produtor de cultura e de memória”.

Estudar os milagreiros e as assombrações no Ceará nos põe diante de um universo maior e anterior à religiosidade no Brasil. A autora Glória Kok (2001, p. 28) defende no estudo **Os vivos e os mortos na América portuguesa:** da antropofagia à água do batismo, sobre a religiosidade indígena e as normas ditadas pelos jesuítas, que “É lícito afirmar, portanto, que os índios acreditavam na realidade de uma substância para além do corpo físico, a que os europeus atribuíram o nome de alma”. Significa enfocar que as assombrações não surgiram do além, mas que foram construídas ao longo dos séculos, assentadas também pelo processo de miscigenação.

Laura de Mello e Souza (s/d., p. 31), em **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**, admite que “o bom e o ruim, o céu e o inferno [...] aqui – colônia – mais do que em nenhum lugar tendeu à polarização”. Seria, a exemplo, que é esse o processo que funda as diferenças nas formas de interpretar o aquém e o além, corroborando as distintas formas de se cultuar os mortos, entretanto, no século XX é possível através do diálogo com as fontes e a historiografia identificar as inovações e rupturas desses pensamentos. Afinal a tríade lugar, tempo e pessoa também está presente na obra do historiador.<sup>20</sup> Tendo como base a miscigenação, no estudo **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Eduardo Hoornaert (1978, p. 99), já havia advertido como o “[...] povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história”. Uma riqueza fruto das necessidades do cotidiano.

## VII. BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Edusc, 2004.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Ed. 70, [s. d.].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983.

CATROGA, Fernando. **O Céu da Memória**. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Livraria Minerva Editora, Outubro de 1999.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1993.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In.: **Jogos de Escalas a Experiência da Microanálise**. Org. Jacques Revel. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>20</sup> Segundo Koselleck (**Futuro Passado**, s/d., p.161), “Caso se altere um desses três elementos, trata-se já de uma outra obra ainda que se debruce ou pareça debruçar-se sobre o mesmo objeto”.



CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DELGADO, Lucilia Almeida. **História Oral Memória, tempo, identidades**. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2006.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GINZBURG, CARLO. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. 2ª. Petrópolis: Vozes, 1978.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “No Castelo da História só há processos e metamorfoses, sem veredicto final”. In: **História: A Arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da História. EDUSC.

KOK, Glória. **Os vivos e os mortos na América portuguesa da antropofagia à água do batismo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Revisão da tradução: César Benjamin. Contraponto. Editora PUCRIO.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LIMA, Francisco Assis. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro. Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1985.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de Menezes. Os Paradoxos da Memória. In.: **Memória e Cultura a importância da Memória na Formação Cultural Humana**. Org. Danilo Santos de Miranda. Edições SESCSP 2007.

MAIA, Michelle Ferreira. **Lembrança de Alguém**: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras. Imprensa Universitária. Universidade Federal do Ceará. 1ª Edição. Fortaleza, 2010.

MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes**: O corpo do herói. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Alex Alves. **Pelos Caminhos de outras falas**: As narrativas orais e a travessia da Coluna Prestes no sertão cearense. X Encontro Nacional de História Oral. **Anais Eletrônico**. Testemunhos: História e Política. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 26 a 30 de abril de 2010. ISBN 978-85-7315-769-7).

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. p. 188

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIOS, Kênia Sousa. **O teatro de seu Muriçoca**: memórias de uma farda. In.: **Trajetos**. v. 2, n. 3 (Dez 2002). Fortaleza: UFC, 2002.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas Fronteiras do Além**. A secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**. Um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.